

Negócios

Sem motorista
Veículos autônomos
viram protagonistas do
Salão de Paris. Pág. B14

Varejo. Negócio marca estreia no País do fundo de private equity Catterton, focado na compra de participações em empresas de consumo; investimento foi feito na varejista de alimentos voltada às classes A e B, que também é dona da filial brasileira do Eataly

Com aporte de R\$ 226 milhões, fundo americano fica com 52% do St. Marche

Cátia Luz

O fundo americano Catterton fechou ontem um aporte de R\$ 226 milhões no Saint Marché, varejista de alimentos focada nas classes A e B. Segundo apurou o 'Estado', após a conclusão do negócio, o fundo de private equity (que compra participações em empresas para, no futuro, revendê-las com lucro) terá 52% da companhia brasileira. Além das 18 lojas com a bandeira St. Marche, o grupo é dono do Empório Santa Maria e do Eataly, mercado de alimentos italianos que abriga também restaurantes. Os recursos serão usados para acelerar o plano de expansão da companhia e para fortalecer a estrutura de capital do St. Marche.

Em troca da injeção de dinheiro na empresa, o fundo americano terá, segundo fontes, boa parte da participação dos cinco sócios brasileiros — que, juntos, detêm 70% da companhia. Entre os acionistas nacionais estão Bernardo Ouro Preto e Victor Leal (com fatias mais relevantes) e Rodrigo Luna. Os outros 30% da empresa pertencem ao fundo Laço Management, *family office* do investidor americano Malone Mitchell.

Procurados, os sócios brasileiros do St. Marche preferiram não se pronunciar. Representante do fundo americano Catterton no Brasil não retornou o contato da reportagem.

O acordo, que avaliou a com-



'Gourmet'. Fundado em 2002, o St. Marche tem atualmente 18 lojas em endereços voltados para as classes A e B

panhia em cerca de R\$ 500 milhões e teve entre os assessores o Itaú BBA e o escritório de advocacia Stocche Forbes, está condicionado a algumas medidas, entre elas a reorganização de três companhias com diferentes acionistas.

Desde 2015, os sócios do grupo St. Marche buscavam um investidor para a companhia e, se-

gundo apurou o **Estado**, era justamente a complexa composição acionária da varejista um dos fatores que dificultavam o avanço das conversas.

Expansão. Fundado em 2002, as primeiras cinco lojas do grupo tinham como acionistas principais Ouro Preto e Leal, que idealizaram o projeto de abrir

uma rede premium focada em perecíveis, para competir com padarias, açougues e pequenos estabelecimentos de bairro.

Os outros investidores foram entrando no negócio para bancar a expansão. Como nem todos os sócios têm participações iguais em todas as lojas, ficou mais difícil se chegar a um acordo entre as partes envolvidas.

Um passo ousado no avanço do grupo foi trazer para o País o complexo de restaurante e lojas de produtos italianos Eataly, com 29 unidades pelo mundo. Ouro Preto e Leal têm 40% de participação no empreendimento. Os outros 60% são divididos entre Oscar Farinetti, o criador do Eataly, e sócios americanos.

● **Porte**
R\$ 500 mi
foi a avaliação de todos os ativos do negócio para a definição da venda da participação; antes do acordo, sócios brasileiros tinham 70% da companhia

Estreia. Previsto para ser concluído no quarto trimestre deste ano, o negócio com o grupo St. Marche marca a estreia do Catterton no País. Nos EUA, o fundo tem investimentos em cerca de cem marcas, com atuação no varejo de alimentos e bebidas, restaurantes e bens de consumo. De acordo com fonte no mercado financeiro, o Catterton vê potencial no mercado brasileiro de alimentos voltado para as classes A e B, mas estaria disposto a olhar outros segmentos do varejo no País.

Em janeiro deste ano, o fundo americano anunciou a fusão com o braço de private equity da LVMH, L Capital, criando L Catterton, que se tornou a maior empresa de investimento do mundo com foco em consumo.

Segundo reportagem publicada no **Estado** em julho, antes de fechar com o fundo, a rede St. Marche teria sido oferecida a investidores estratégicos no Brasil — entre eles, Carrefour, Grupo Pão de Açúcar e Península, braço de investimentos da família de Abilio Diniz.

Vale modifica termos de venda de ativos de carvão à japonesa Mitsui

Mudança de termos de negócio fechado no fim de 2014 reflete a queda dos preços do produto no mercado internacional

Mariana Durão / RIO

A mineradora Vale anunciou ontem mudanças nos termos do acordo firmado com a Mitsui no fim de 2014 para a venda de parte do projeto de carvão da mineradora em Moçambique, na África. No novo acordo, a japonesa aportará US\$ 768 milhões no negócio, o que inclui uma fatia na mina de Moatize, uma participação no Corredor Logístico Nacala e uma linha de crédito de longo prazo para compensar investimentos já realizados pela Vale no projeto. A Vale ainda negocia um finan-



Novos termos. Negócio em Moçambique foi reavaliado

ciamento de US\$ 2,7 bilhões para o projeto.

A alteração nos termos do acordo está ligada à queda dos preços do carvão nos últimos dois anos, que levou a Vale a realizar uma baixa contábil de US\$ 2,4 bilhões no valor do seu ativo de carvão em Moatize em 2015.

Pelo acordo inicial, a Mitsui pagaria US\$ 450 milhões para ficar com 15% da fatia da Vale na mina. Agora, a empresa pagará US\$ 255 milhões diretamente e poderá fazer um pagamento adicional de até US\$ 195 milhões, atrelado a condições como o desempenho da mina.

De outro lado, o grupo japonês pagará US\$ 348 milhões por 50% da participação da Valena infraestrutura logística de Nacala, valor superior ao acertado no primeiro acordo. Hoje, a Vale é dona de 70% do corredor, e o restante pertence ao governo local. O novo acordo prevê ainda a concessão de empréstimo de longo prazo de US\$ 165 milhões para o empreendimento, que deve ser transferido à Vale em contrapartida ao investimento já realizado.

A ratificação do acordo com a Mitsui é positiva em um cenário de preços instáveis para o carvão e em que a Vale procura parceiros para diluir riscos e gastos de seus investimentos. No entanto, a mineradora ainda não conseguiu destravar um "project finance" — modelo em que as receitas do projeto garantem o investimento —, que deverá injetar US\$ 2,7 bilhões para bancar investimentos no Corredor Nacala. Essa operação é condição para a concretização de todo o negócio.

Conselheiros da Oi abdicam de remuneração

Mariana Sallowicz / RIO

Seis membros do Conselho de Administração da Oi entregaram carta na qual abrem mão da remuneração a que teriam direito pelo período de um ano diante da difícil situação da companhia. Os conselheiros, indicados pelo empresário Nelson Tanure após acordo com a portuguesa Pharol, maior acionista da tele, citam a necessidade de uma "economia de guerra". A companhia protagoniza o maior pedido de recuperação judicial da história do País, com dívidas de R\$ 65 bilhões.

Segundo documento ao qual o **Broadcast**, sistema de notícias em tempo real do Grupo Estado, o próprio empresário e seu filho, Nelson de Queiroz Tanure, fazem parte da lista de conselheiros — ambos são suplentes. Os ganhos de cada um podem

chegar a R\$ 50 mil mensais, caso de membros que integrem também comitês de assessoramento do órgão. Atualmente, são 20 conselheiros, sendo 11 titulares e, com mandato que vence em 2018. Em abril, foi aprovada em assembleia proposta da administração de verba global anual de até R\$ 9,157 milhões para o conselho.

Tanure, por meio do fundo Societé Mondiale (dono de 6,32% da Oi), travou uma disputa com os portugueses da Pharol (que detêm 22% do negócio) nos últimos meses para ganhar espaço no comando da companhia. Os acionistas chegaram a um acordo após o juiz responsável pela recuperação judicial da Oi, Fernando Viana, determinar uma mediação entre as partes, o que, ao final, não foi necessário já que foi fechado um entendimento antes.

Tanure trabalha numa nova proposta de recuperação da Oi, para a qual contratará a Falconi Consultores. Serão propostas alterações na gestão, com corte de custos e outras reestruturações, segundo fontes.

CONSTRUÇÃO CIVIL

Justiça de São Paulo aprova pedido de recuperação judicial da Viver

A Viver Incorporadora e Construtora anunciou ontem, em fato relevante, que a 2ª Vara de Falências e Recuperações Judiciais de São Paulo deferiu seu pedido de recuperação judicial. Com isso, ficam suspensas ações e execuções contra a empresa por 180 dias. A companhia terá de apresentar contas demonstrativas até o dia 30 de cada mês, sob pena de destituição de seus controladores e administradores. A apresentação do plano de recuperação deve ser feita em até 60 dias



úteis. A Viver teve prejuízo líquido de R\$ 163,6 milhões no primeiro semestre de 2016. O resultado financeiro líquido foi de R\$ 71,3 milhões negativos, enquanto a receita líquida atingiu R\$ 40,3 milhões.

DINHEIRO NOVO

Ultrapar vai ao exterior e capta US\$ 750 milhões

A Ultrapar captou US\$ 750 milhões em bônus com vencimento em 2026, com taxa de 5,5%, no piso das estimativas de juros. A emissão atraiu perto de US\$ 3 bilhões de demanda. A operação foi coordenada por BB Securities, Bradesco BBI, Morgan Stanley e Santander. A companhia, que estreia no mercado de dívida externo, apresentou a operação a investidores em Londres, Boston, Los Angeles e Nova York. O dinheiro será usado para alongamento de dívidas e investimentos em seus negócios.

CELULOSE

Eldorado pode listar ações em SP e Nova York

A Eldorado Brasil está se preparando para fazer uma listagem dupla em uma possível oferta inicial de ações, na BM&F Bovespa e em Nova York, disse ontem o presidente da empresa, José Carlos Grubisich, durante o evento Estádio Empresas Mais. A companhia, dependendo das condições do mercado local, pode optar, inclusive, por colocação somente no exterior, já que suas receitas são em dólar.

CONSUMO

Pepsico anuncia alta de 274% no lucro trimestral

A Pepsico anunciou ontem lucro líquido de US\$ 1,9 bilhão no terceiro trimestre deste ano, o que representa um aumento de 274% ante igual período do ano anterior, quando o montante foi de US\$ 533 milhões. Na mesma comparação, o lucro por ação avançou para US\$ 1,37 ante US\$ 0,36 no ano passado. O resultado superou as expectativas dos analistas, de ganhos de US\$ 1,32 por ação.

US\$ 1,9 bi
FOI O LUCRO DA
PEPSICO NO
3.º TRIMESTRE
DO ANO

BANCO EM CRISE

Deutsche Bank admite 'problema de imagem'

O Deutsche Bank admitiu ontem que tem um problema de imagem com investidores, enquanto novas preocupações sobre a estabilidade do maior banco da Alemanha levaram suas ações nos Estados Unidos a uma mínima recorde. A última guinada veio após a agência de notícias **Bloomberg** noticiar que vários fundos de hedge que fazem operações de derivativos com o Deutsche Bank resgataram o excesso de capital e ajustaram suas posições no banco, sinal de que estão receosos em fazer negócios com ele.